

Sobre uma forma de ruptura dos laços sociais: a performance do incansável em Aisenstein e Kristeva

Manola Vidal de Souza Costa^[1]

RESUMO: A partir do atendimento de mulheres com falhas na mentalização do cansaço, procurei relacionar os trabalhos de Marília Aisenstein e Julia Kristeva sobre o tema utilizando as concepções sobre a etiologia dos transtornos psicossomáticos e a bissexualidade psíquica. Investiguei como o fazer performático se encontra presente em determinada forma de ruptura do laço social.

PALAVRAS-CHAVE: bissexualidade psíquica, fadiga, performance

1. Psicanalista. Pós-doutora em psicanálise e saúde mental. Membro convidado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

As falhas de mentalização do cansaço

A partir do atendimento de mulheres com falhas na mentalização do cansaço, procurei relacionar os trabalhos de Marília Aisenstein e Julia Kristeva sobre o tema utilizando como categoria de análise suas concepções sobre a etiologia dos transtornos psicossomáticos e a bissexualidade psíquica respectivamente. Assim, investiguei como o processo de sexualização feminina se encontra presente em determinada forma de ruptura do laço social representada pelo fazer performático.

Observei determinado grupo de pacientes que não apresentavam queixa de cansaço em relação ao excesso de atividades nas experiências com os papéis e funções de gênero, e essa ausência de fadiga se apresentou como conteúdo para reflexões. O excesso se relacionava a atividades de condicionamento físico, gravidezes subsequentes (algumas após abortos), acúmulo de vínculos empregatícios ou de trabalho (frequentemente não relacionados com a necessidade material para a sobrevivência), posição de arrimo da família de origem ou de provedora do lar e responsabilidade exclusiva com os filhos que apresentavam necessidades especiais. Não havia a dor psíquica de corpos cansados, mas somente sua confirmação cognitiva. Paradoxalmente, uma queixa era comum: o sentimento de que estavam “travadas”, sem fazer o bastante em relação ao que queriam realizar.

Relacionei a ausência da queixa do cansaço ao fazer performático (Han, 2015), observando a tensão entre o conceito de gênero (Fleury-Teixeira & Meneguel, 2015) e o da sexualidade feminina (Freud, 1931/1969) que essa relação produziu. Assim, utilizei a distinção proposta por Laplanche (2015) entre o sexual, o sexo e o gênero para compreender o modo de produção de subjetividade na qual o gênero contém o sexual em sua transmissão. Tal compreensão me permitiu pensar de forma integrada e dialogar com conceitos de diferentes campos do conhecimento na investigação sobre o laço social e a performance incansável dessas pacientes.

A partir da abordagem de Aisenstein (2017), pude observar sua proximidade com Benno Rosenberg (1991/2003) através do trabalho desse autor sobre o masoquismo de vida e sua importância na etiologia dos transtornos psicossomáticos. Compreendi que o masoquismo originário está em relação com a pulsão de morte e as origens do psiquismo, pois no momento primário da fusão entre as pulsões de vida e de morte se originam concomitantemente o princípio do prazer e o masoquismo erógeno. Masoquismo erógeno e princípio do prazer são duas faces do mesmo momento psíquico, o momento de formação da estrutura arcaica do ego constituído ao redor do masoquismo erógeno, sendo seu núcleo governado pelo princípio do prazer. O princípio do prazer realiza os objetivos da pulsão de morte ao reduzir a tensão com o objetivo de zerá-la, o que paradoxalmente pode levar à extinção. O prazer absoluto teria de ser evitado e o princípio do prazer experienciado de uma maneira relativa, tornando-se uma combinação de prazer e desprazer e carregando uma inevitável dose de masoquismo característica de uma unidade egoica composta de excitação (aspecto desprazeroso) bem como de descarga (aspecto prazeroso). Porém,

a descarga não pode ser total, alguma excitação e desprazer têm de permanecer para se manter a vida. A permanência do desprazer possui temporalidade e ritmo e é possibilitada pela tensão entre o masoquismo erógeno, que retêm o desprazer, e o princípio do prazer, que quer a descarga total. O aspecto temporal que modificou a abordagem puramente econômica da descarga possibilitou que existisse organização mental a partir da transformação do princípio do prazer pelo masoquismo. Se o princípio do prazer demanda descarga imediata – a temporalidade voltada para o presente –, a descarga não imediata possibilita o tempo da espera, que é a função do masoquismo erógeno na manutenção da vida, o masoquismo de vida. O masoquismo de vida possibilita existir a capacidade mental de adiar a descarga, suportar o desprazer e o estabelecimento do princípio da realidade. Nesse sentido, Aisenstein considerou a ausência de queixa da fadiga como uma falha da mentalização do cansaço pela descarga imediata da excitação, ou seja, a não contenção da dor psíquica possibilitada pelo masoquismo de vida.

A partir do diálogo com Rosenberg (1991/2003), a autora me apontou para o conhecimento do que Kristeva apresenta sobre as mulheres feitas de aço, denominação para a ausência de queixa da fadiga observada em sua clínica, bem como sobre a teoria das relações de objeto. Essa teoria em Kristeva (1982) apresenta os objetos abjeto, psicossomático, de amor e da fadiga. A relação com o objeto da fadiga é diferente daquela com os objetos da depressão ou da melancolia, pois a ausência da fadiga não é depressão, melancolia ou mania, mas está ligada aos impasses narcísicos da feminilidade na integração da bissexualidade psíquica. O objeto da fadiga liga-se à queixa feminina sobre a sexualização, estando próximo à loucura da maternidade e ao sacrifício do amor materno, como apresentado em “Stabat Mater” (Kristeva, 1985). Assim, os impasses narcísicos da feminilidade seriam inerentes aos processos de integração da bissexualidade psíquica e, conseqüentemente, à questão do complexo de Édipo feminino.

Um pouco sobre a experiência feminina com as mulheres incansáveis^[2]

Quem disse que mulher grávida não tem disposição? Entrei no mestrado, tô fazendo os plantões, porque se esperar dele o dinheiro não vem, né? E o que eu posso fazer? Tô encontrando aquele grupo do trabalho voluntário, é legal, me descansa e é nos finais de semana. [risos] Já te falei dos móveis? Do enxoval? Estou pintando o quartinho...

Parece que sou babá dela [mãe], mas não faz mal, tudo bem, e ainda cuido dele, que é um bebezão [marido], e aí eu falo: “Não faz mal, não me custa...” E no hospital onde o mais novo está internado eu estou indo, não para dormir, mas todo dia eu vou...

Não sei, não sei se foi desatenção minha, mas não pude aproveitar, mas ele [marido]

2. Os recortes de conteúdo de sessões não são transcrições literais de material clínico, mas uma forma de encadeamento associativo da autora, utilizado por questões éticas na apresentação de conteúdos sensíveis. Ainda assim, podem conduzir o leitor à imagem das mulheres incansáveis.

aproveitou, e eu fiquei feliz, que eu quero dar tudo para ele, para os meus filhos, principalmente para o X [autista], mas nem sei se eles querem tudo... [risos] Então eu faço, nem sinto, mas vou fazendo e, quando vejo, já fiz tudo!

Eu começo a pensar de uma maneira muito rápida, leio vários livros ao mesmo tempo e no trabalho entro de cabeça, o pessoal fala até que não precisa, mas sempre foi assim... Teve umas férias lá que eu então comecei a estudar, a pegar todos os livros do próximo semestre do curso e resolver, quando chegou a época das aulas... [ri] eu já sabia tudo. No trabalho também é assim, meus projetos são os que mais aparecem...

Não acredito assim que possa ter prazer com ele, na verdade nem sinto nada por ele, quer dizer, sei que ele é o cara para eu me casar, que será um bom pai, mas o tesão já foi... Na verdade sempre vai, eu só sinto vontade por um tempo, depois que a paixão passa eu não sinto mais...

A ausência do cansaço em Aisenstein

Aisenstein é uma das representantes da segunda geração da escola psicossomática de Paris, orientada principalmente pelas premissas sobre a importância do conceito de libido e resignificação do conceito de pensamento operatório como um modo de vida, um antipensamento e uma estratégia de sobrevivência. Articula teórica e clinicamente a primeira e a segunda tópica freudiana com ênfase no conceito de representação e pulsão de morte, buscando semelhanças entre as clínicas das psicoses brancas (ou frias), os estados limites e os transtornos psicossomáticos. O modo operatório de vida será um funcionamento mecânico, uma forma de funcionamento psíquico traumatizado, acompanhado de uma forte catexia dos sentidos físicos, estando sua atenção voltada para a ação. O superinvestimento na sensorialidade implica que o representado não existe mais e, quando existe, é de forma rudimentar, atrelado ao que é percebido pelo sujeito através dos sentidos e voltado para a ação. Portanto, os fenômenos psicossomáticos não têm significado ou simbolismo porque são hipercatexizados pela realidade, indicando um modo de economia psíquica ligado às deficiências do sistema pré-consciente, ao contrário de uma solução de compromisso, como nos sintomas neuróticos. O conceito de pulsão de morte se torna essencial tanto para a abordagem técnica (reação terapêutica negativa) como teórica (fusão e desfusão pulsional), como para se pensar as falhas no trabalho de elaboração psíquica (mentalização e construção do pensamento). A autora expande o conceito de cisão para além da psicose e do fetichismo ao apresentar sua hipótese sobre a ausência de queixa da fadiga. Existiria nos primórdios da vida psíquica uma percepção endossomática de uma cisão silenciosa e primitiva do ego (Aisenstein, 2019), fruto de desfusão pulsional, que produz o efeito de desligamento e estaria na origem do antipensamento. Essa cisão produziria um hiato entre as representações psíquicas, que ficariam uma ao lado da outra sem se tocar, pois não há ligação entre elas e, conseqüentemente, pensamento de reflexão, estando em seu lugar o pensamento de ação. Desta forma, a atenção estaria predominantemente ligada à experiência sensorial em detrimento da experiência emocional (psíquica). Nesse sentido, o conceito de masoquismo de vida se apresenta como fundamental para o

investimento em traços mnésicos de retenção da descarga que se constituem na relação mãe-bebê, sendo o masoquismo erógeno e o princípio do prazer não mais explicados exclusivamente pelo ponto de vista econômico. Os transtornos psicossomáticos seriam consequências da impossibilidade de o psiquismo decodificar e traduzir as exigências do soma, sendo o traço mnésico da contenção masoquista a base constitutiva de toda a mentalização. Para Aisenstein, a ausência da queixa de fadiga nessas mulheres é uma indicação característica de transtorno psicossomático.

Por outro lado, compreende que a falha de mentalização do cansaço remete à questão da bissexualidade psíquica a partir de uma forma particular de identificação da menina com o pai. Não se trata de uma identificação fálica, mas do investimento paterno pré-edípico que ilumina suas qualidades masculinas sem que isso a prive de sua feminilidade. Sua hipótese é que esse tipo de identificação representa um modelo, para a menina, da renúncia erótica que contribuirá para a dissolução do complexo edípico. É uma identificação viril, não fálica, realizada pelo investimento do pai, ou de outro que esteja na função paterna e catexize sua bissexualidade. Está baseada na premissa freudiana da identificação direta (Freud, 1913/1969) anterior à escolha objetal, forma mais primitiva de manifestação do vínculo emocional com o objeto.

Freud (1940/1969) descreve as identificações do ego com seus objetos sexuais como intensas, diversas, isoladas e incompatíveis umas com as outras, podendo ocasionar sua dissociação. Para a autora a identificação com o pai, fundada na ternura, na bissexualidade e na dessexualização da catexia, pode ser usada como um ordenador de outras formas de identificação. A menina investida bissexualmente torna-se uma mulher que existe no domínio dos homens através da passagem simbólica na qual o pai representa uma ordem paternal e comunitária que é internalizada, expandindo a possibilidade de identificações não ligadas a homossexualidades que carregam o terror das dificuldades de reconhecer os pais como um casal. Através da bissexualidade encontrada no reconhecimento pelo pai dos elementos masculinos da filha e da identificação desta com esse reconhecimento de sua masculinidade, a questão não será ter o pênis do pai, mas ser como o pai, o que se constitui como o diferencial integrador para a sexualidade feminina. A bissexualidade será um organizador da psicosexualidade, que obedece a uma dialética que está além do sexual e ao mesmo tempo o inclui – o “bi” não indica uma diferença, mas uma síntese de elementos separados.

A fadiga da sexuação em Kristeva

Kristeva (2000) localiza a ausência de queixa sobre o cansaço no contexto da psicosexualidade feminina através da especificidade de sua constelação edípica. O complexo de Édipo feminino tem dois tempos e uma dupla face. Os tempos são marcados pelo monismo fálico e pela inscrição na ordem fálica, e a dupla face pelo complexo de castração e bissexualidade.

Os tempos são denominados como complexo de Édipo 1 e 2, e essa divisão demonstraria a excepcional plasticidade e força existentes nas mulheres feitas de aço.

O primeiro tempo, mais arcaico, apresenta o monismo fálico e o que Freud (1931/1969, 1933/1969) reconheceu como a experiência do inacessível na relação entre a mãe e sua filha mulher. É o tempo de fundação da bissexualidade feminina originado na homossexualidade endógena através da erotização imediata anal-oral e genital que coexcita mãe e bebê (André, 1996; Anzieu, 1985/1989). A homossexualidade endógena permaneceria recalçada, tornando-se o centro da psicosssexualidade feminina marcada pela adesividade da filha com a mãe. Unidas em recíproca identificação projetiva, a invasão orificial na menina é compensada não somente pela excitação clitoriana, mas principalmente pela elaboração precoce de uma ligação de introjeção e identificação com o objeto que a invade, a mãe. O investimento libidinal no corpo da mãe e no próprio corpo é metabolizado pela construção da idealização materna, que será a contrapartida da pulsão erótica, sendo a mãe ao mesmo tempo objeto de identificação e possessão. Possessão que não se liga a uma prótese fálica, mas à implacável necessidade da presença real, do vínculo protetor, que pode ressurgir futuramente na conjugalidade quando a ausência do cansaço da mulher é endereçada ao parceiro erótico indagando sobre sua real e impossível mãe.

No segundo tempo do Édipo, o do estágio fálico, o monismo fálico e a homossexualidade endógena do primeiro tempo tornam-se organizadores centrais da sexualidade, pois o pai, o pai simbólico da autoridade da lei e do perdão, será uma terceira figura regulada pela díade sensorial mãe-criança. Uma dissociação é inscrita estruturalmente entre o sensorio e a significação fálica (Kristeva, 1974). O falo como significante da falta bem como da lei é percebido e suportado no imaginário da menina como estranho e radicalmente outro, invisível e dificilmente localizado. O clitóris, base do prazer fálico, é imediatamente dissociado para o sujeito feminino do falo como senso privilegiado do significar o logos e o desejo. Aqui temos o kairós fálico (Kristeva, 2000) através do qual a menina, a partir da dissociação entre o sensorio e o significar, constrói a crença na ordem fálica ilusória, pois, a partir da percepção desfavorável da castração, reativa a alucinação de experiências sensoriais primitivas da menina com a mãe, e consequentemente a primitiva alucinação do monismo fálico se interpõe nas relações com a alteridade. Com os dois tempos do Édipo, o sujeito feminino será o eterno sujeito da incompletude psicosssexual que apresenta uma exaustiva hesitação entre o instável e indecível objeto de desejo. Diferentemente do menino, a menina muda de objeto de forma ambígua, pois por um lado, como sujeito da lei e da fala, se identifica com o falo e seu representante, o pai, mas em relação ao coração da assunção fálica estará sempre em desvantagem. Privada do pênis e depreciada na cultura, ela adere à ordem fálica carregando sua fiel devoção pela mãe através dos traços da sensorialidade polimorfa, com a ilusão de jogar o mesmo jogo dos meninos mesmo sabendo que não pode. Consequentemente, sua inscrição na ordem fálica se constitui no registro de uma radical estranheza, a de uma exclusão constitutiva e irreparável solidão, encontrada na depressividade crônica e intratável melancolia. O suicídio, a recusa do feminino, a anorexia e bulimia, os sintomas de excitabilidade e profundidade corporais seriam

defesas contra a intrusão da sedução paterna. Porém, a transição entre esses dois tempos permite maior plasticidade, mais do que um colapso, sendo utilizada pela autora para definir o que denominou como sendo a característica principal das mulheres de aço: não se queixar do cansaço.

A castração é vivida pela mulher como a morte de sua integralidade psíquica, a perda de si, pois encontraríamos o falo igualado ao seu psiquismo, representando-o como um todo. Ao realizar uma releitura do trabalho de Freud (1919/1969), “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”, Kristeva (2009, 2010) compreende que para a menina o protótipo do outro espancado é a mãe vitimizada, castrada, com a qual ela se identifica ao mesmo tempo que recusa essa identificação. Cansadas não somente de lutar com sua falta de importância na ordem fálica, mas principalmente pela vitimização de sua mãe derrotada, as mulheres sofreriam da ausência de fadiga como resultado da bissexualidade não elaborada. Confusas sobre quem ser e quem amar, querem ser tudo e ser amadas por todos em uma luta exaustiva. Assim, a bissexualidade feminina de adesão ao fálico ocorrida no espaço entre os dois tempos do complexo de Édipo compreende o martírio traumático observado nas situações clínicas nas quais as mulheres evitam o reconhecimento de si mesmas como possuidoras de um corpo castrado, carregando o preço de serem mulheres de aço. Assim, a bissexualidade psíquica da mulher se localiza nas trocas (Kristeva, 2012) entre o sensorial na modalidade semiótica (ritmos, aliterações) e o significável (signos e sintaxe). A manifestação da bissexualidade psíquica da mulher não se refere a personalidades do tipo “como se” ou falso *self*, cuja etiologia requer divisões traumáticas. O fálico ilusório na mulher pode levá-la a se inscrever na ordem social com eficiência, favorecer as regressões depressivas mesmo que a atração pela sombra do objeto pré-edípiano (a mãe mino-micênica) se torne inexorável. Por outro lado, no investimento maníaco desse falicismo ilusório pode-se ver a lógica da ostentação que mobiliza a bela sedutora: constantemente inventada, provocadora, em desfile e sempre tão constantemente enganada e desapontada.

Assim, o Édipo feminino pode ser pensado como incompleto ou interminável, pois não sofre uma dissolução, mas transita eternamente entre a castração e a bissexualidade. Para a autora, a figura parental combinada (Klein, 1992/1997) pode auxiliar na compreensão das dificuldades do luto da bissexualidade, pois apresenta tanto a atração como a repulsão combinadas que a mulher persegue ilusoriamente como um objeto ideal, cuja toxicidade a poupa de escolher um objeto de desejo e um objeto de identificação. Tudo que é parte dessa fusão tóxica entre pai e mãe é revelada como sendo a miragem de pais combinados. Portanto, a queixa da sexuação atrelada a sua concepção do objeto da fadiga não pode ser confundida com a queixa depressiva.

Kristeva expande a compreensão sobre a bissexualidade e os processos de transmissão psíquica, ou seja, de a bissexualidade inconsciente dos pais estar presente na integração da bissexualidade inconsciente dos filhos. Como consequência dessa impossibilidade de manejar ora a devoção para a mãe ora para o pai, a mulher torna-se

fixada defensivamente nas várias possibilidades de postura de sua trajetória edípica, trazendo a mutilação psicossomática da ausência de queixa sobre o cansaço. A menina tem de fazer determinada forma de luto da bissexualidade enquanto elemento do complexo de Édipo (os demais são o complexo de castração, interdição do incesto). As mulheres de aço teriam a identidade de gênero estabelecida como feminina, mas a sua relação com o objeto sexual não se estabelece de forma a internalizar o desejo de ser penetrada (Poupart, 2014). O aparente realismo das mulheres incansáveis existe pela crença nessa ilusão que produz o cultivo de uma certa sensorialidade, habilidades lógicas, prazeres eróticos coincidentes com performances, favorecendo o bem-conhecido sucesso intelectual e o gênio precoce. A experiência de estranheza implica a oposição que empurra a menina para a ambição fálica e os limites do martírio no sadomasoquismo, ligado à competição fálica e à feminilidade pré-edípica não compensadas. Na luta contra a estranheza do falo, a menina que quer ter um como o menino torna-se mais católica que o papa, tornando-se santa, mártir e militante.

Produção de subjetividade e laço social: gênero e sexualidade feminina

O encontro dessa forma de laço social, o da feminilidade que ferozmente assinala o fazer performático em detrimento da percepção do cansaço, nos aproxima tanto dos modos de produção da subjetividade contemporâneos como da expressão, através do corpo feminino, de metáforas culturais. Nos afastamos então da dicotomia sujeito-objeto, na qual a subjetividade é essencializada, individualizada, não se alterando pelo e no contexto social, político, econômico e tecnológico mais amplo (Gabbi Jr. et al., 1988), para nos aproximarmos de concepções sobre as noções de sujeito e subjetividade nas quais o eu é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da história (Foucault, 1979, 1984) e da subjetividade fabricada e modelada no e pelo registro social (Guattari, 1992). Articular um determinado modo de produção de subjetividade a partir da observação clínica de mulheres incansáveis apresenta certo tensionamento entre os estudos de gênero (Fleury-Teixeira & Meneguel, 2015) e a teoria psicanalítica sobre a feminilidade (Freud, 1931/1969, 1933/1969). Esse tensionamento se sustenta através de críticas que frequentemente se referem ao falocentrismo (Irigaray, 1984/1993, 1997) e à questão da identidade (Butler, 1993), porém, como anteriormente indicado, a distinção realizada por Laplanche (2015) entre o sexual, o sexo e o gênero permite pensarmos que, através das mensagens generificadas a partir do sexual infantil, perverso-polimorfo, o gênero reafirmaria o conceito do sexual. Dessa forma, o sexual é a verdade recalcada do gênero que possibilita um posicionamento sobre as críticas citadas anteriormente.

Por outro lado, o corpo feminino é um outro eixo de tensão na relação entre o conceito de gênero e as abordagens psicanalíticas sobre as falhas de mentalização do cansaço conforme investigadas por Aisenstein e Kristeva. Para os estudos de gênero, o corpo é um agente da cultura, sua superfície é metáfora, e a imagem mental de sua

morfologia forneceria um diagnóstico e uma visão da vida social e política. Não seria somente um texto da cultura, mas um lugar prático direto de controle social (Jaggar & Bordo, 1988/1997). Quando a cultura se faz corpo (Bourdieu & Wacquant, 2009), ela é colocada para além da consciência. Esse não é o corpo desejante e pulsional da teoria psicanalítica, mas o corpo dócil e regulado, colocado a serviço das normas da vida cultural. A ocupação do espaço público pelas mulheres a partir da modernidade impulsionada pela revolução feminista (Hooks, 1984/2020) apresentou o paradoxo de intensificar os regimes ligados à disciplina dos corpos. Esse paradoxo é compreensível, pois como movimento da modernidade lança um ideal de busca e construção de si mesmo sem fim e sem descanso, a se realizar através da superação dos limites impostos pelo patriarcado. Se aproxima, portanto, dos processos de interiorização da disciplina, que na Modernidade é realizada através de corpos dóceis (Foucault, 1977), cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo de sujeição e aperfeiçoamento, organizando o tempo e o espaço, induzido pela convicção de carência e insuficiência através do pensamento de que nunca se é suficientemente bom. Assim, o disciplinamento e a normatização do corpo feminino são talvez as únicas questões de gênero que se exercem por si mesmas, embora em graus e formas diferentes dependendo da idade, da raça, da classe e da orientação sexual. Sabemos que o sofrimento psíquico das mulheres varia historicamente enquanto diagnóstico, como podemos observar, por exemplo, na neurastenia e na histeria na segunda metade do século XIX, na agorafobia e, de forma dramática, na anorexia nervosa e na bulimia na segunda metade do século XX. Quando encontramos a ausência de queixa do cansaço, podemos interpretar uma forma de exposição de gênero que se afirma culturalmente através da invisibilidade? Que mística feminina e feminista é produzida de acordo com as normas que regem a construção predominante da feminilidade na qual se desenvolve uma economia emocional totalmente voltada para a performance? A atividade de performance do corpo que não se cansa nos aproxima de Foucault (1979), que distingue o corpo útil, uma forma culturalmente mediada que pertence ao registro do corpo cultural, do corpo inteligível, que abrange concepções científicas, filosóficas e estéticas. O corpo útil (prático) é treinado, moldado, obedece, responde e é socialmente adaptado, podendo fazer parte, juntamente com o corpo inteligível, da sustentação de um discurso social, no caso, o da performance.

Dessa forma, podemos compreender a falha de mentalização do cansaço como um sintoma e ao mesmo tempo uma ruptura do laço social. Como sintoma, confronta a definição de sociedade do *burnout* (Han, 2015) e tem um sentido contrário ao da medicalização do cansaço e de todas as suas variações nosográficas que se aliam a diagnósticos como o de fibromialgia, dores crônicas e astenia, por exemplo. Partindo da premissa de que os processos civilizatórios se constituem pelo reconhecimento da falta e na necessidade de sua comunicação, a ausência de queixa do cansaço se aproxima de um tipo de ruptura do laço social, pois impossibilitaria tolerância às alteridades. Tal ruptura afeta o conhecimento sobre o sofrimento psíquico feminino que se expressa

através de seus corpos e é historicamente presente nas expressões de invisibilidade, pela ausência de comunicação da falta. A ruptura do laço social que se mantém pela ausência de comunicação da falta contribui para a ilusão contida no apelo social contemporâneo da ideia de um hiperespaço de possibilidades. A inserção no hiperespaço de possibilidades, propagandeada pela meritocracia do mercado e do marketing das identidades *patchwork*, substituiu a ideia da construção identitária subjetiva da modernidade (Han, 2018). Assim, as condições de exploração do trabalho feminino são encobertas por uma imagem tipo, ou seja, através de um ideal de insubmissão de gênero envolvido pela ideia de libertação com a participação no mercado, que por sua vez dificilmente apresenta a contrapartida de direitos que garantam essa inserção de forma a prevenir o sofrimento psíquico (Araújo & Scalon, 2005). Como ruptura do laço social temos algo da ordem da naturalização da invisibilidade com a não mentalização dos afetos e da dor psíquica dos corpos femininos incansáveis. Porém, nos deparamos com as figuras metafóricas aqui elencadas, mulheres incansáveis, de aço, como expressões de nossa velha e conhecida cultura de exploração capitalista conjugada ao patriarcado.

Conclusão

A falha na mentalização do cansaço nas autoras contempladas foi compreendida a partir dos pressupostos da teoria psicanalítica dos transtornos psicossomáticos e do processo de sexuação feminina na compreensão de determinada forma de ruptura do laço social.

Em relação à teoria psicanalítica dos transtornos psicossomáticos, temos em sua origem a não contenção da excitação desprazerosa, característica do masoquismo primário, e as dificuldades de elaboração do luto da bissexualidade no processo de sexuação feminina. Verificou-se que a excitação não contida pelo masoquismo primário se reatualiza traumáticamente através das atividades performáticas e incansáveis, nos aproximando da definição dos procedimentos autocalmantes apresentados por Szwec (1998). Os procedimentos autocalmantes compreendem um grande espectro de fenômenos tanto perceptivos quanto motores, que se repetem em uma dinâmica de dois tempos, o da fusão pulsional, relativo à pulsão de vida, e o da defusão pulsional, da pulsão de morte. Não é uma atividade psíquica, mas comportamental (Fain, 1992), ou seja, trata-se de uma regressão de comportamento, e não de pensamento, que carrega a impossibilidade de comunicação. É produzida por uma tensão que procura levar à exaustão, mas não à satisfação, para assim fazer o corpo retornar para um estado de calma. Portanto, está relacionada a uma forma de autoerotismo que nos auxilia a compreender que a não percepção do cansaço se aproxima da hipótese freudiana do sadismo, que age a partir do interior do corpo substituindo o gozo orgástico pelo gozo do apaziguamento, tão frequente na vida de tais mulheres que fazem tudo para todos.

O diálogo entre Aisenstein (2012/2017) e Kristeva (2009) sobre a bissexualidade psíquica nos confronta com os eixos da ordem fálica e do pai simbólico, nos permitindo

compreender a naturalização da não mentalização da fadiga enquanto representantes da ruptura do laço social. Nesse sentido, é importante considerar a crítica de Stoloff (2007) ao amálgama entre a teoria cultural da paternidade, o pai simbólico e o patriarcado através da história. Assim, a tendência contemporânea de igualar a função paterna pela representação social do pai real no exercício da parentalidade (Houzel, 2004) reproduz frequentemente determinada causalidade reducionista. Existe, portanto, uma necessidade epistemológica, quando consideramos a articulação entre gênero e feminilidade, de discernimento sobre a diferença entre os pais reais e os pais simbólicos e sociais responsáveis pela introdução do sujeito na comunidade humana. Sabemos que a função do terceiro, que é parte do conceito do pai simbólico ou de quem ocupe esse lugar, é inerente à integração da bissexualidade psíquica e, conseqüentemente, do processo de sexuação feminina. Dessa forma, a ruptura do laço social compreende a falha dessa função simbólica, mas, como Aisenstein (2017) sublinha, é importante enfatizar a diferença entre a noção da função paterna como social e cultural e a primazia do falo. Para a autora a primazia do falo não pertence à teoria freudiana, mas à teoria sexual infantil. Freud (1905/1969) se refere à teoria sexual infantil através de observações clínicas. Não existiria, portanto, um falocentrismo freudiano, como as críticas da teoria feminista realizam à teoria psicanalítica, mas o reconhecimento de Freud de uma teoria falocêntrica entre as crianças, que traz conseqüências importantes para as meninas. Assim, é através do pai simbólico, e não da teoria falocêntrica, que os corpos incansáveis traduzem a ruptura do laço social por meio da ausência da dor psíquica do cansaço.

Finalizando, é importante ressaltar a importância da relação proposta na abordagem da não mentalização do cansaço a partir de sua abordagem técnica e, nesse sentido, no atendimento de tais mulheres se faz necessário salientar o que foi exposto por Haudenschild (2008). Encontramos nessa autora a proposta de que a partir da elaboração da bissexualidade psíquica do analista se desenvolve a escuta da bissexualidade psíquica dos analisandos, em um processo de reconstituição tanto em nível primário (mãe-criança) como em nível secundário (conflitos edípicos).

**Sobre una forma de ruptura de los lazos sociales:
performance de lo incansable en Aisenstein y en Kristeva**

Resumen: A partir de la atención clínica a mujeres que han presentado fallas en la mentalización del cansancio, la autora busca relacionar los trabajos de Marília Aisenstein y Julia Kristeva al respecto de ese tema, y para ello utiliza el instrumental teórico de la etiología sobre los trastornos psicossomáticos y la bisexualidad psíquica. Ha investigado cómo el hacer performático se encuentra presente en una determinada forma de ruptura del lazo social.

Palabras clave: bisexualidad psíquica, fatiga, performance

On a way of breaking social bonds: the performance of tirelessness in Aisenstein and Kristeva

Abstract: Starting from the treatment of women who present flaws in the mentalization of tiredness, I sought to link the works of Marília Aisenstein and Julia Kristeva on this subject, using concepts on the etiology of psychosomatic disorders and psychic bisexuality. I have researched how the act of performing is present in a specific way of breaking the social bond.

Keywords: psychic bisexuality, fatigue, performance

Referências

- Aisenstein, M. (2017). A particular form of paternal identification in women. In *An analytic journey: from the art of archery to the art of psychoanalysis* (S. Jaron, Trad.; pp. 145-154). Karnac Books. (Trabalho original publicado em 2012)
- Aisenstein, M. (2017). Os deuses não conhecem o cansaço: os heróis, às vezes, mas as heroínas, nunca. In V. R. Béjar (Org.), *Dor psíquica, dor corporal: uma abordagem multidisciplinar* (pp. 47-57). Blucher.
- Aisenstein, M. (2019). *Dor e pensamento: psicossomática contemporânea* (V. Dresch, Trad.). Dublinense.
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.
- Anzieu, D. (1989). *O eu-pele* (Z. Yazigi e R. R. Mahfuz, Trans.). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1985)
- Araújo, C., & Scalón, C. (2005). Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In C. Araújo & C. Scalón (Orgs.), *Gênero, família e trabalho no Brasil* (pp. 15-77). Editora FGV.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992). *Réponses: pour une anthropologie réflexive*. Éditions du Seuil.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter*. Routledge.
- Fain, M. (1992). La vie opératoire et les potentialités de névrose traumatique. *Revue Française de Psychosomatique*, 2(1), 5-24.
- Fleury-Teixeira, E., & Meneguel, S. (2015). *Dicionário feminino da infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência*. Editora Fiocruz.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (L. M. P. Vassallo, Trad.). Vozes.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder* (R. Machado, Trad.). Editora Graal.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres* (M. T. C. Albuquerque, Trad.). Editora Graal.
- Freud, S. (1969). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 7. Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)* (J. Salomão, Trad.; pp. 129-288). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1969). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 13. Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)* (J. Salomão, Trad.; pp. 13-184). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1969). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud:*

- Vol. 17. *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (J. Salomão, Trad.; pp. 225-258). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1969). Sexualidade feminina. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1925-1931)* (J. Salomão, Trad.; pp. 259-282). Imago. (Trabalho original publicado em 1931)
- Freud, S. (1969). Feminilidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 22. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)* (J. Salomão, Trad.; pp. 112-139). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1969). A divisão do ego no processo de defesa. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (J. Salomão, Trad.; pp. 271-309). Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Gabbi, O. F., Jr., Albuquerque, J. A. G., & Lancetti, A. (1988, 4 de novembro). *A especificidade de ação do psicólogo* [Mesa redonda]. I Congresso de Psicologia, São Paulo, SP, Brasil.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético* (A. L. Oliveira e L. C. Leão, Trans.). Editora 34.
- Han, B.-C. (2015). *The bournout society* (E. Butler, Trad.). California Press.
- Han, B.-C. (2018). *Hiperculturalidad: cultura y globalización* (F. Gaillour, Trad.). Herder.
- Haudenschild, T. R. L. (2008). Escuta analítica da bissexualidade psíquica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 75-84.
- Hooks, B. (2020). *Teoria feminista: da margem ao centro* (R. Patriota, Trad.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1984)
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe: parentalidade; um desafio para o terceiro milênio* (M. C. P. Silva, Trad.; pp. 47-56). Casa do Psicólogo.
- Irigaray, L. (1993). *An ethics of sexual difference* (C. Burke e G. Gill, Trans.). Cornell University Press. (Trabalho original publicado em 1984)
- Irigaray, L. (1997). O gesto na psicanálise. In T. Brennan (Org.), *Para além do falô: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher* (A. Xavier, Trad.; pp. 171-186). Record; Editora Rosa dos Tempos.
- Jaggar, A. M., & Bordo, S. R. (1997). *Gênero, corpo, conhecimento* (B. L. Freitas, Trad.). Editora Rosa dos Tempos. (Trabalho original publicado em 1988)
- Klein, M. (1997). Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego. In *A psicanálise de crianças* (L. P. Chaves, Trad.; pp. 214-227). Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Kristeva, J. (1974). *La révolution du langage poétique*. Éditions du Seuil.
- Kristeva, J. (1982). *Powers of horror: an essay on abjection* (L. S. Roudiez, Trad.). Columbia University Press.
- Kristeva, J. (1985). Stabat mater. *Poetics Today*, 6(1/2), 133-152.
- Kristeva, J. (2000). *Sentido e contra-senso da revolta: poderes e limites da psicanálise* (A. M. Scherer, Trad.). Rocco.
- Kristeva, J. (2009). *This incredible need to believe* (B. B. Brahic, Trad.). Columbia University Press.
- Kristeva, J. (2010). *Hatred and forgiveness: powers and limits of psychoanalysis* (J. Herman, Trad.). Columbia University Press.
- Kristeva, J. (2012). *Introdução à semanálise* (L. H. F. Ferraz, Trad.; 3a ed.). Perspectiva.
- Laplanche, J. (2015). O gênero, o sexo e o sexual. In *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2008)* (V. Dresch, Trad.; pp. 154-189). Dublinense.

- Poupart, F. (2014). The hysterical organization. *The International Journal of Psychoanalysis*, 95(6), 1109-1129. <https://doi.org/10.1111/1745-8315.12235>
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida* (C. Gambini, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1991)
- Stoloff, J.-C. (2013). The father in psychoanalysis: between “phylogenesis” and ontogenesis. *Revue Française de Psychanalyse*, 77(5), 1480-1487.
- Szwec, G. (1998). *Les galériens volontaires: essai sur les procédés autocalmants*. PUF.

Manola Vidal de Souza Costa

Endereço: Rua Sacopã, 587, Lagoa. Rio de Janeiro/RJ.

CEP: 22471-180

Tel.: (21) 96959-1897

E-mail: manolavidal@gmail.com